

crônico hábito de aspirar rapé — o que parece tornar-lhe a voz mais límpida e sonora. É ainda uma língua terrivelmente ferina. Há algumas semanas, durante uma reunião de gabinete, considerou o chanceler britânico David Owen um “principiante barulhento”.

Os líderes sindicais britânicos, disse ele em outra ocasião, deveriam ser “jogados no mar do Norte” e o governo turco deveria “limpar seu chiqueiro” antes de qualificar-se para créditos alemães. Palavras pouco lisonjeiras teriam sido reservadas por Schmidt também ao primeiro-ministro italiano Giulio Andreotti, à família Kennedy, e, claro, a Carter, segundo inconfidências feitas por assessores do chanceler. Esta semana, os brasileiros terão oportunidade de conhecer de perto seu estilo.

RICARDO A. SETTI/CARLOS STRUWE

SEQÜESTRO

“É ela”

*O menino Camilo confirma:
a escritã participou*

Foi, oficialmente, um remanejamento rotineiro de início de governo. E, assim, o DOPS gaúcho perdeu na semana passada nada menos de quarenta de seus policiais — entre eles elementos tão graduados como o delegado Pedro Seelig, transferido para a Divisão de Administração Policial, e seu ex-diretor Marco Aurélio da Silva Reis, que passou para o Centro de Informática Policial.

Das mudanças não escaparia também a escritã Faustina Elenira Severino, conhecida por “Lenira” entre os policiais e apontada por VEJA na semana anterior como possível implicada no seqüestro dos uruguaios em Porto Alegre. Essa informação está agora praticamente comprovada.

Na semana passada, de fato, o repórter Pedro Maciel, enviado de VEJA a Montevidéu, exibiu uma série de fotos de policiais ao menino Camilo Casariego, filho da seqüestrada Lilian Celiberti. Camilo, que já admitira ter estado sob a guarda, em Porto Alegre, de “*una mujer oscura, de pelo redondo*” — Faustina é morena e usa um penteado redondo —, não teve dúvidas ao observar a quinta e última das fotografias. “Sim, esta eu conheço”, confirmou ele. “De onde?” — perguntou o repórter. “Do quartel, daquele quartel perto do *arroyito*”, respondeu o menino, referindo-se ao prédio da Secretaria da Segu-

rança Pública do Rio Grande do Sul. À sua frente estava o retrato de Faustina Elenira Severino.

“ELA NÃO ESTÁ” — Em vista disso, na última sexta-feira VEJA voltou a procurar Faustina em seu apartamento, onde ela mesma abriu o postigo da porta para o repórter Maciel. “Dona Lenira...”, começou o repórter. “Não, ela não está”, disfarçou a escritã. Maciel, então, explicou-lhe que estivera em Montevidéu, onde Camilo a reconheceu como a mulher que cuidara dele e de sua irmã Francesca, quando permaneceram detidos na Secretaria da Segurança. “Meu Deus, como ele pôde dizer isso?”, reagiu Faustina.

Da mesma forma, a polícia gaúcha ainda não encontrou justificativas para a omissão de dois nomes na lista de funcionários do DOPS entregue aos jornalistas Luís Cláudio Cunha e J. B. Scalco, testemunhas do seqüestro (VEJA n.º 551). “É meio difícil dar uma explicação”, desculpou-se o novo secretário da Segurança, coronel João Osvaldo Leivas Job, “porque na época eu não estava aqui”. Mas arriscou uma: “Talvez tenha sido pela rapidez com que foi confeccionada a lista”. Apesar disso, na última segunda-feira os policiais Arvandil Ferreira da Silva Cardoso e José Cecílio da Cunha — que não constavam da lista — retornaram ao



Dona Lilia: só assuntos de família

serviço do DOPS ao fim de uma providencial licença. Dois dias depois, por sinal, Cardoso já seria visto numa manifestação pública realizada na Assembleia Legislativa gaúcha em solidariedade aos metalúrgicos paulistas.

DUAS VERSÕES — Nessa mesma quarta-feira, surgiria um dado novo em relação ao seqüestro com a publicação, nos jornais de Porto Alegre, de uma versão do advogado Omar Ferri, defensor de Lilian. Ferri anunciou que recebera um telefonema de Mirta Adonay, a irmã de Lilian que mora em Milão, na Itália. Segundo o advogado, dona Lilia Celiberti, mãe da seqüestrada, depois de se encontrar com a filha na prisão, na quinta-feira anterior, dia 22 de março, teria ligado para Mirta e relatado a visita. Sempre segundo Ferri, Lilian contara ter sido seqüestrada a 12 de novembro do ano passado e conduzida, no dia seguinte, até a fronteira com os filhos Camilo e Francesca. De lá, as crianças seguiriam para Montevidéu e Lilian seria levada de volta a Porto Alegre, onde permaneceria até o dia 17, quando o seqüestro foi descoberto pelos repórteres de VEJA. Surpreendidos, os policiais, que esperavam prender outros uruguaios, recambiaram Lilian para o Uruguai.

Tal versão, no entanto, foi desmentida por Mirta a Marco Antônio de Rezende, correspondente de VEJA em Roma, que a ouviu em Milão. Mirta afirmou que sua mãe lhe contara que o encontro, no 13.º Batalhão de Infantaria de Montevidéu, ocorrera na presença de militares armados. Por isso falaram de assuntos corriqueiros, não sendo abordadas as circunstâncias em que se desenrolou o seqüestro. “Sobre isso, Lilian não falou nem falará, pois teme represálias”, garantiu Mirta.

Também na semana passada, enfim, o jurista italiano Luigi Saraceni, juiz do Tribunal de Roma, enviado a Montevidéu por um grupo de organizações humanitárias para investigar o caso, encerrou uma visita de seis dias ao Uruguai sem obter os esclarecimentos que desejava. Atribui-se à sua viagem, porém, a permissão para que dona Lilia visse a filha, desde fevereiro naturalizada italiana. “Levei os netos e só conversamos coisas de família”, contou dona Lilia, que se emocionou ao revê-la. “Agora ela parece bem, ela é muito forte.”